

JOVENS, TRABALHO E SABERES ESCOLARES: O EMPREGO EM TEMPOS DE FLEXIBILIZAÇÃO DO TRABALHO

Mariléia Maria da Silva¹, Juliana Finger².

¹ Orientadora, Departamento de Ciências Humanas e da Educação (DCH). FAED.
marileiamaria@hotmail.com

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia FAED - bolsista PROBIC/UDESC.

Palavras-chave: Jovem, EJA, trabalho, saberes escolares.

O presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa em andamento “Jovens, trabalho e saberes escolares” cujo objetivo é o de analisar a relação entre os saberes escolares e a condição de emprego entre os jovens matriculados na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no município de Florianópolis no ano letivo de 2014. O Estudo sustenta-se no entendimento de que o cenário de intensificação da precarização das relações de trabalho nas últimas décadas e o discurso da qualificação como estratégia de sobrevivência em um mercado de trabalho para o qual novas competências são demandadas para atender aos processos de inovação tecnológica e organizacional, afetam substantivamente a vida destes jovens trabalhadores.

Para elaboração deste resumo vamos utilizar dados que constituem parte de uma amostra construída a partir de um questionário aplicado no ano de 2014 aos alunos matriculados nos núcleos da EJA do Município de Florianópolis. O total de retorno foi de 297 questionários, compreendendo as idades de 15 até 77 anos. No entanto, para fins desta pesquisa, optamos por apresentar os resultados parciais que contemplam a faixa etária de 15 até 29 anos.

Dos 297 alunos que responderam ao questionário, 165 pessoas compreendem a idade alvo da pesquisa, sendo que destas, 93 são homens e 72 mulheres. Destes jovens, 75 são naturais do estado de Santa Catarina, ou seja, um pouco menos da metade. Em relação a filhos, foi observado que 89 destes jovens possuem pelo menos um filho.

A pesquisa também contemplou aspectos econômicos, como a renda familiar. Dos 165 jovens com idade entre 15 a 29 anos que responderam ao questionário, 150 responderam a questão que avaliava a renda familiar, destes, 73 possuem renda familiar entre um e dois salários mínimos, representando um total de 48%. Também se destaca, entre os egressos desta faixa, que 40,5% residem em imóvel alugado.

Em relação ao trabalho, apenas 145 jovens responderam a esta questão, dentre os quais, 56 homens e 34 mulheres afirmaram estar no mercado de trabalho, seja com carteira assinada ou de forma autônoma. 71% deles estão no setor de comércio e serviços e 89,7% ganham até dois salários mínimos.

Sobre os aspectos relacionados aos saberes escolares e as condições de emprego entre os jovens, as respostas revelam que: 84,8% não obtiveram aumento salarial depois que passaram a estudar. 86,4% não receberam proposta de aumento salarial. 81,6% não consideraram mudança

positiva em seus contratos de trabalho e 58,3% procura outro emprego em razão do baixo salário e da falta de perspectiva de crescimento na carreira. No entanto, quando se referem à escola e suas implicações da dimensão profissional, as expectativas são positivas e assim se expressam: 63,4% entendem que a escola melhora o relacionamento no trabalho, 65% avaliam que a escola contribui no desempenho profissional e 86,3% consideram que a escola contribui para conseguirem um emprego.

Para a análise dos dados tomamos como referências conceituais os estudos de Antunes (2011), Silva (2014) e Rummert (2009). Os estudos de Antunes contribuem para o entendimento de que as transformações no mundo do trabalho afetam significativamente a classe-que-vida-do trabalho. Tais transformações resultam da necessidade do capitalismo, em escala global, em recuperar o nível de crescimento e acumulação às expensas da diminuição do valor da mercadoria força de trabalho. Ou seja, diminuir custos e ampliar o lucro. Silva e Rummert discutem as implicações deste cenário de crise na configuração das condições de trabalho para os jovens, particularmente os jovens pertencentes aos segmentos sociais que vivem do trabalho simples, que requer pouca qualificação.

Os dados do presente artigo, ainda que preliminares, apontam em primeiro lugar, os baixos salários a caracterizar fortemente o perfil destes jovens trabalhadores. Também destacamos que a escola, pouco ou quase nada, interfere na vida profissional dos jovens investigados quando se leva em consideração mudanças concretas nas suas condições de trabalho. Por outro lado, os jovens parecem acreditar que a escola poderá contribuir para melhorar o seu futuro profissional. Aqui é flagrante a contradição de um discurso que não se efetiva: o discurso da qualificação como atributo para a mobilidade social.

Acreditamos que esta pesquisa é uma porta para muitos outros estudos, além do foco no jovem. Futuramente esta pesquisa pode ser ramificada e trabalhar as questões de gênero, fazendo um estudo aprofundado, o que é perfeitamente possível devida a estrutura do questionário e sua tabulação, buscando elucidar o cenário da mulher jovem em relação ao mercado de trabalho, estudos e família.